



**TEORIA E MÉTODO EM RELIGIÃO MATERIAL:**  
religiões estudadas em seus aspectos corpóreo-e-materiais

***THEORY AND METHOD IN MATERIAL RELIGION:***  
*religions studied in their bodily-and-material aspects*

***TEORÍA Y MÉTODO EN RELIGIÓN MATERIAL:***  
*las religiones estudiadas en sus aspectos corpóreos-y-materiales*

**Patrícia Rodrigues de Souza \***

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião.  
São Paulo, SP, Brasil.  
E-mail: prsouza@pucsp.br  
ORCID: 0000-0003-4749-6624

**RESUMO**

O presente artigo visa oferecer contornos mais precisos em relação a um campo de conhecimento em construção, relativamente novo na Ciência da Religião brasileira que tem se convencido chamar de Religião Material. Tal campo, compreende abordagens que buscam estudar as religiões em seus aspectos materiais e corpóreos. Elas vêm ganhando popularidade no mundo acadêmico por sua capacidade de captar eventos que normalmente não se encontram em estudos textuais e discursivos, mas que influenciam consideravelmente nas dinâmicas religiosas. As abordagens também podem apontar processos de adaptação das religiões frente aos desafios impostos pelas culturas locais, bem como pelos aspectos materiais seculares, tais como, mudanças tecnológicas, desastres ecológicos, pandemias, assim como questões ligadas a raça e gênero. Na Ciência da Religião, a Religião Material demonstra que religiões são muito mais imanentes e concretas do que imagina o senso comum, entretanto, sem reduzi-las unicamente à uma materialidade radical.

**Palavras-chave:** Religião material; Religião e corpo; Imanência e transcendência; Etnografia incidental.

**ABSTRACT**

*This article aims to provide more precise outlines regarding a relatively new field of knowledge in Brazilian Religious Studies that has been conventionally called Material Religion. This field includes approaches that seek to study religions in their material and corporeal aspects. They have been gaining popularity in the academic world due to their ability to capture events that are not normally found in textual and discursive studies, but that considerably influence religious dynamics. The approaches can also point to processes of adaptation of religions in the face of challenges imposed by local cultures, as well as by secular material aspects, such as technological changes, ecological disasters, pandemics, as well as issues related to race and gender. In Religious Studies, Material Religion demonstrates that religions are much more immanent and concrete*

---

\* Doutorado e mestrado em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

*than common sense can imagine, however, without reducing them to a radical materiality.*

**Keywords:** *Material religion; Religion and body; Immanence and transcendence; Incidental ethnography.*

### **RESUMEN**

*Este artículo pretende ofrecer lineamientos más precisos en relación a un campo de conocimiento, relativamente nuevo en la Ciencia Religiosa brasileña, que ha sido convencionalmente llamado Religión Material. Este campo comprende enfoques que buscan estudiar las religiones en sus aspectos materiales y corporales. Han ido ganando popularidad en el mundo académico por su capacidad de capturar acontecimientos que normalmente no se encuentran en los estudios textuales y discursivos, pero que influyen considerablemente en la dinámica religiosa. Los enfoques también pueden apuntar a procesos de adaptación de las religiones frente a los desafíos que imponen las culturas locales, así como aspectos materiales seculares, como los cambios tecnológicos, los desastres ecológicos, las pandemias, así como cuestiones relacionadas con la raza y el género. En La ciencia de la religión, la religión material demuestra que las religiones son mucho más inmanentes y concretas de lo que imagina el sentido común, sin reducirlas únicamente a la materialidad radical.*

**Palabras Clave:** *Religión material. Religión y cuerpo. Inmanencia y transcendencia. Etnografía incidental.*

## **1 INTRODUÇÃO**

No pêndulo epistemológico da Ciência da Religião oscilando entre uma fenomenologia essencialmente transcendente e um materialismo reducionista encontra-se, ao passar pelo centro, as recentes teorias e os métodos de estudos das religiões a partir de suas materialidades, que por economia de linguagem têm sido reunidos sob a chancela de Religião Material. Este nome, entretanto, pode por vezes gerar mal-entendidos pois, a princípio, religião e material parecem antagônicos ou porque o nome pode dar a impressão de religiosidades ligadas a dinheiro. Este artigo tem por objetivo difundir a abordagem, especialmente no campo da Ciência da Religião, pois, tendo este se originado na filologia, ainda resiste a fontes de pesquisa não discursivas ou, reduzem-nas exclusivamente à linguagem, como se elementos materiais não agissem também sensorialmente. Preocupo-me em chamar a atenção para este textualismo exacerbado que parece desincorporar tantos devotos, quanto acadêmicos e talvez por isso, tenha aqui me excedido no número de exemplos. Mas melhor pecar pelo excesso. Outro objetivo, secundário, é também demonstrar a utilidade de tal abordagem na Ciência da Religião, já que nossas religiosidades são muito influenciadas por tradições orais e, portanto, abundam em corporalidades e materialidades. Creio que temos condições de desenvolver uma Religião Material própria. Assim, não me alongarei aqui no sentido de detalhar a formação da Religião Material, tendo também já feito este trabalho em outra publicação (Souza, 2019).

Não são poucos os autores de diferentes áreas de ciências humanas que desde a década de 1980 vêm se concentrando em estudos de perspectivas materialistas. Esclareço de antemão que tais autores compreendem por materialista o estudo das religiões a partir de seus aspectos concretos e sensoriais, assumindo que religiões são tão ou mais imanentes do que transcendentais. Desse modo, os métodos podem se dar a partir do estudo de imagens (estátuas e outros artefatos rituais), espacialidades (arquitetura, geografia, paisagismo), corporeidades (alimentação, vestuário, música, dança, gestos, práticas de cura, questões de gênero e raciais) etc. considerados não apenas como expressões das religiões, mas ao contrário, como produtores de sujeitos religiosos. Tal é adesão à perspectiva material nas ciências humanas que tem se falado, especialmente fora do Brasil, numa *virada material* ou *virada sensorial* (Delanda, 1996; Bräunlein, 2015; Hazard, 2013; Howes, 2006; Laplantine, 2015; Stoller, 1997), a primeira mais concentrada em coisas e a segunda na corporeidade. Embora, a rigor, seja difícil falar de uma sem falar da outra. Embora não se use esta expressão por aqui, creio que este processo esteja ocorrendo aqui de forma natural, especialmente através das publicações relativas às tradições afro-brasileiras e indígenas, explorando cada vez mais sua musicalidade, práticas alimentares, vestuário, sem que se preocupem em desvendar seus significados simbólicos, mas percebendo tais práticas como formativas (ver Souza, 2020).

É possível também pensar a perspectiva material como uma virada ontológica (Henare; Holbraad; Wastell, 2007), isto porque, uma característica que tem se consolidado nos estudos materiais são as diferentes origens dos autores e autoras que têm construído a abordagem. Com muita frequência encontram-se etnografias de religiosidades de diversas partes do mundo, delas surgem outras compreensões, categorias e definições. A contribuição de culturas distintas tem chacoalhado taxonomias – o papel do ser humano, dos animais, dos deuses, das coisas, antes percebidos como dados e naturais, agora têm sido vistos, não como diferentes interpretações de um mesmo mundo, mas como diferentes mundos. “Pessoas de culturas diferentes herdaram diferentes mundos sensoriais. Não apenas pessoas com diferentes capacidades de sentir pensam diferente sobre o mundo, como pessoas com diferentes capacidades de sentir têm diferentes mundos sobre os quais pensar” (Carp, 1997, p. 297-298).

Desse modo, tem se demonstrado que a rígida distinção entre agentes humanos e coisas inanimadas não é algo universal, mas um produto do desencantamento e da ciência ocidentais. Neste sentido, portanto, a Religião Material trava diálogos com as teorias

decolonialistas, já que busca compreender as práticas e a produção das *coisas*, nos termos de quem as faz. Trata-se de um *aprender com*, em vez de *aprender sobre*. A Religião Material é uma abordagem que exige não apenas razão, mas também a sensibilidade do pesquisador para perceber que, com frequência, os próprios objetos de pesquisa podem fornecer a metodologia mais adequada, bem como as categorias analíticas. A sensibilidade se faz igualmente necessária pois, no estudo material importa mais o que as pessoas fazem do que o que as pessoas falam ou acreditam, requerendo muitas vezes a observação das religiões fora dos locais explicitamente religiosos, da maneira como os fiéis as constroem e praticam independente da doutrina oficial, trata-se de como as pessoas de fato vivem suas religiosidades, com todas as idiosincrasias.

É de suma importância esclarecer que, pelo fato desta abordagem considerar modos distintos de percepção do mundo – dos seres e das coisas – ela não reduz a religião exclusivamente à materialidade, de forma a descreditar tudo mais que não seja explicável pela ciência, mas preocupa-se antes em como tais aspectos são materializados e manifestos, eis aí um tempero fenomenológico.

Todas as religiões são passíveis de serem estudadas também a partir de seus aspectos materiais, já que só podemos conhecê-las a partir de suas manifestações materiais, como bem ilustra a fala de Pyysiäinen: “Se deuses realmente existem e se revelam aos humanos, o conhecimento revelado se tornará conhecido através de processos comunicativos e cognitivos ordinários que podem e devem ser cientificamente explicados” (2002: 5, tradução nossa)<sup>1</sup>. Entretanto, o campo religioso brasileiro é particularmente fértil para os estudos a partir das materialidades religiosas. Temos enorme potencial para desenvolver nossas próprias teorias e métodos em torno da materialidade. A diversidade religiosa no Brasil reúne tanto as ditas *religiões mundiais*, como também apresenta uma rica herança de tradições orais indígenas – ameríndias e africanas, dando origem a um caldo religioso bastante próprio e que exige abordagens e categorias consigam captar o que o discurso não consegue revelar.

A oralidade, que não se reduz às formas verbais, mas constitui todo um complexo envolvendo corpos e objetos, nos deixa uma infinidade de indícios materiais para investigação (ver Ong 1998; Antonacci 2014). Há as religiões oficiais e há práticas nacionais – o vaso de sete ervas na porta de casa, as consultas secretas a uma entidade incorporada, uma Iemanjá que parece Nossa Senhora deslocada de contexto, as simpatias, os

---

<sup>1</sup> Even if gods do exist, and reveal themselves to humans, the knowledge revealed will become known through ordinary cognitive and communicative processes which can and should be scientifically explained.

benzimentos, os *trabalhos*, os frasquinhos de óleo vendidos na rua Conde Sarzedas<sup>2</sup>, os judeus que fazem o Evangelho no lar (Kogan, 2018), as missas afro etc.

## 2 RELIGIÕES IMANENTES

Coisas que não são coisas tomam o lugar das coisas que são coisas  
Karl Marx

Vivemos num mundo em que as ideias ganham maior importância do que as coisas concretas e no qual esta ordem hierárquica parece ser natural. Entretanto, nem sempre foi assim e nem sempre é assim. Houve um tempo em que religiões eram muito mais imanentes. Aliás, no ocidente pré-cristão e no oriente pré-budista, não seria possível pensar *religião* como domínio distinto da vida cotidiana. Nestes tempos, deuses (as) estavam relacionados (as) aos elementos da natureza – montanhas, rios, árvores – aos fenômenos naturais – trovões, chuvas, ciclos astronômicos, estações do ano, desenvolvimento de animais e de plantas – e aos alimentos de base (trigo, arroz, milho etc.). A estes (as) deuses (as), considerados os verdadeiros donos da terra (anterior à propriedade privada), fazia-se sacrifícios como restituição, erigia-se templos e construía-se imagens que eram tratadas como seres vivos – tocadas, banhadas, alimentadas. A música e os versos que guardavam explicações ontológicas em forma de mitologia só podiam ser sacros, mas não eram e não precisavam ser pensadas como tal, pois não havia uma versão sacra e uma versão secular para cada coisa. Assim, adorar era ação em torno de coisas concretas, e não pensamento abstrato (Autora, 2019).

O tipo de religiosidade privada da oração silenciosa, tendo o texto como referência, que quer superar o corpo separando-o do dito *sagrado* é algo recente na história (Autora, 2019). A evolução de tecnologias, especialmente as agrícolas, a urbanização da vida e outras mudanças materiais foram gradativamente alienando a humanidade em relação ao mundo concreto – deuses antes imanentes passaram a ser substituídos em larga escala pelo deus único de tudo e de nada, aquele que a tudo criou, mas que em vez de estar presente nas coisas do dia a dia, encontrava-se agora num distante céu abstrato, tão distante que deu origem também às religiões não teístas (Vietta, 2015).

---

<sup>2</sup> Rua localizada no centro da capital paulista repleta de lojas de objetos rituais utilizados por neopentecostais.

Hoje há uma percepção equivocada de que religiões são muito mais transcendentais do que imanentes, em segundo lugar, a área de estudos de religião parece ter uma fobia implícita de perder seu objeto de estudo e razão de ser, pois a transcendência se apresenta, tacitamente, quase como uma definição de religião, isto é, religião como crença. O excesso de metafísica proporcionado em grande parte pela visão religiosa moderna (Antunes, 2018), criou sobre a materialidade uma espécie de cortina de fumaça que a camufla, mas não a extingue.

Igualmente na transição da oralidade para a escrita o pensamento e as ideias foram ganhando mais importância, tornando-se centrais, encobrindo materialidades, corporeidades e sensibilidades que passaram a ser vistas como inferiores em relação à alma – transcendente, e ao pensamento – eleito como a mais nobre atividade humana, em detrimento das ações concretas (Vietta, 2015).

Do mesmo modo, a iconoclastia protestante também reforçou uma religiosidade idealista, assim como os primeiros estudos científicos de religiões, baseados na filologia, também ignoraram sistematicamente os aspectos *corpóreos-e-materiais* (Mohan; Warnier, 2017), transformando o que era uma agência factual em mera representação, reduzindo rituais exclusivamente a linguagem simbólica. A parte mais prejudicial, entretanto, é que tal compreensão resultou numa escala evolucionista de classificação das religiões, em que, no nível mais inferior encontrava-se as tradições ágrafas com seus objetos e corporeidades (rotuladas de fetichistas, animistas e idólatras) e no nível superior ficaram os monoteísmos com seus ideários elaborados pela escrita (Castro, C., 2005).

Ironicamente, esta concepção evolucionista tem origem num pensamento que veio de algo bem concreto – as observações empíricas de Darwin sobre as espécies que fundamentaram os pressupostos biológicos no século 19, eles passaram a ser um tipo de explicação para absolutamente tudo, inclusive para as ciências sociais (Schwarcz, 1993).

Embora no senso comum e por vezes até mesmo na academia, se tenha a impressão ou até a convicção de que religiões são eminentemente transcendentais e superiores demais para estarem relacionadas às questões cotidianas de sobrevivência, a prática revela que: 1) para algo tão transcendente religiões preocupam-se demais em regulamentar aspectos práticos da vida, tais como vestuário, alimentação, restrições a certos entretenimentos, conduta sexual, tabus e cuidados em relação a objetos e locais religiosos. É interessante observar que, mesmo no caso de sujeitos que se percebem como não religiosos, seus hábitos mais básicos foram, antes, determinados por ontologias religiosas que modelaram as culturas nas quais foram educados. Exemplo: são antes as religiões que determinam quais

seres são ou não comida – a vaca é comida entre os católicos do Brasil, mas para a maioria dos hinduístas é morada de deuses. 2) Religiões são constantemente atravessadas por questões materiais seculares (Souza, 2022).

Religiões são frequentemente obrigadas a negociar com o mundo material, fato que prova sua imanência de modo incontestável. A fim de se adaptarem, elas com frequência, são obrigadas a decidir se incorporam ou rejeitam mudanças. Incorporar ou rejeitar, nestes casos, implica muitas vezes na sobrevivência de um sistema religioso – permitir muitas inovações pode descaracterizá-lo, transformando-o em outra coisa, mas ser conservador demais pode também isolá-lo, dificultando aos fiéis seguir práticas que sejam conflitantes em relação aos contextos em que vivem (ver discussão em Topel, 2022). O anticoncepcional, o aborto e outras questões relacionadas aos direitos reprodutivos, por exemplo, são questões ainda mal resolvidas na maioria das religiões, como mostra o caso do hospital São Camilo em São Paulo, que foi mencionado como uma instituição de saúde que tem como diretriz não realizar inserção do DIU (dispositivo intrauterino), por entender que o dispositivo contraceptivo fere princípios cristãos (Paiva, 2024). As questões relativas a gênero, mais do que nunca, têm provocado jurisprudências religiosas – se a questão clássica era o papel das mulheres nas diferentes religiões, hoje pergunta-se se um homem trans poderá ser padre. Não apenas um corpo diferente do normativo suscita questões, como também a cor da pele interpela – Embranquecimento do candomblé? (Bonine, 2024), Pastoral afro? (Borges, 2001).

Outro aspecto material em grande discussão refere-se ao uso das tecnologias digitais em contextos religiosos– sacerdotes robô serão naturalizados no futuro? Quanto às catástrofes ditas ecológicas e pandemias, estas também obrigam as religiões a elaborarem explicações que lhes deem sentido perante os fiéis, sugerindo mudanças em suas condutas – Será que todas as religiões serão veganas no futuro? Já há alguns rabinos defendendo práticas veganas no judaísmo, como se desde sempre, esta prescrição tivesse existido numa Torah que foi mal interpretada (Topel, 2022). Ocuparão os *pets* outra posição nas ontologias religiosas? Há centros espírita e de umbanda que já têm desenvolvido rituais para a bênção e cura dos animaizinhos.

Especialmente no contexto latino-americano, que teve uma trajetória própria, influenciado pela colonização e mais distanciado do processo de secularização como ocorrido na Europa, religiões e religiosidades assumem outras características. Teorias que nasceram do processo de secularização europeu tendem a criar dicotomias fundamentais –

sagrado/profano, público/privado, espiritual/material – que não necessariamente se aplicam às religiosidades latino-americanas (Morello, 2021). Entretanto, como acadêmicos latino-americanos, somos sistematicamente alimentados com teorias vindas de outros contextos, com estruturas e problemas diferentes, e acabamos por entortar nossos objetos para que caibam nestas teorias. Raramente há uma palavra para descrever com precisão o que de fato acontece – sincretismo, hibridização, justaposição etc.

Reunindo pensamentos originais de alguns autores latino-americanos, sob o que chamou de *modernidade encantada*, Morello (2021) caracteriza a religiosidade latino-americana moderna como uma relação de sujeitos com um supra-humano que não está além deste mundo, mas sim presente neste mundo, sendo percebido através dos seus sentidos. Não se trata de uma realidade transcendental justaposta a um mundo imanente, a ideia de fronteiras muito rígidas entre a realidade e o supra-humano e entre a vida e a vida após a morte não parece representar muito bem os sujeitos religiosos latino-americanos (Morello, 2021, p. 178).

Curiosamente, é comum no Brasil, entre religiosidades indígenas ou religiosidades influenciadas por tradições indígenas que entes supra-humanos sejam referidos como *encantados* (Prandi, 2004; Santos, 2021), em distinção à ideia de *santo*, que embora muitas vezes seja usada genericamente, é uma tradução não tão precisa hebraico *k-d-sh*, que significa *posto à parte* (Douglas, 2010, p. 21). Daí talvez tenha surgido a tendência de separação – o povo escolhido posto à parte dos demais – este princípio teológico pode servir a esta tradição em particular, mas outras tradições não podem ser compreendidas da mesma forma.

No Brasil, o estudo do carnaval, no senso comum festa profana, nos mostra como a religião não pode ser compreendida à parte – “na festa do Carnaval, o diálogo entre os opostos representa o ser humano em sua integridade fragmentada e em sua fragmentação cosida pela integridade. Por conta dessa experiência paradoxal é que o Carnaval revela no folião o devoto e, no devoto, o brincante” (Pereira *apud* Alexandre, 2021, p. 23). Tradições religiosas de matriz africanas, são a base do carnaval, mas não apenas. A religiosidade popular, influenciada pelo catolicismo é frequentemente contemplada – homenagens a Padre Cícero, a Nossa Senhora, entre outros.

**Fig. 1. Foto do pátio na avenida do sambódromo de São Paulo<sup>3</sup>**

**Fonte: Acervo da autora. Fevereiro/2023.**

Em 2023 a escola de samba Gaviões da Fiel apresentou o tema da intolerância religiosa sob o samba enredo intitulado *Em nome do Pai, dos Filhos, dos Espíritos e dos Santos*, posteriormente contestado por evangélicos que se sentiram ofendidos por uma alegoria que colocava juntos Oxalá e Jesus Cristo (Longo, 2023). É muito raro não haver temas religiosos no carnaval, além do fato de que terreiros de samba também têm seus cultos internos e/ou estão ligados a terreiros de candomblé (Alexandre, 2021). Neste caso, porém, o carnaval trouxe não só a religiosidade para a avenida, como trouxe também a discussão acerca do diálogo inter-religioso. Este exemplo da religiosidade no carnaval foi aqui escolhido porque evidencia a imanência de modo inquestionável – as formas visuais das alegorias, a música, a dança, as emoções e outros aspectos sensório-materiais, que permeiam a vida de tantas pessoas não apenas no período do carnaval, mas o ano todo no

<sup>3</sup> Espaço designado aos carros alegóricos antes e após os desfiles. A foto foi tirada pela autora durante um passeio de bicicleta alguns dias após o desfile de carnaval de 2023, uma espécie de etnografia incidental. Junto a guindastes e andaimes, vê-se na foto, incidentalmente, a figura de orixás e de Nossa Senhora Aparecida.

cotidiano das comunidades carnavalescas. Afetando foliões-devotos, devotos-foliões, bem como, de outro modo, devotos não foliões e, com a religião, afetando foliões não devotos.

Desse modo, devemos estar atentos a teorias de estudos de religião que além de criarem separações artificiais e depois terem que inventar conceitos para explicar o que na prática não se separa, também nos treinam sistematicamente a fechar os olhos (e a desligar todos os nossos outros sentidos) mesmo quando estudamos religiosidades onde as materialidades e corporeidades são contundentemente evidentes.

Desse modo, deveria ser natural aos pesquisadores latino-americanos prestar atenção aos aspectos de uma religiosidade vivida, em vez de uma religiosidade idealizada, institucionalizada, que assume a ideia de que religião é privada e interior, não confessionalmente pública, nem mística, nem ritualística; intelectualmente consistente e razoável, nada ambivalente, nem contraditória (Vásquez, 2011).

Contudo, embora esteja se propondo um maior foco nos aspectos materiais, as teorias em Religião Material, especialmente as produzidas na área de *Religious Studies*<sup>4</sup>, não reduzem as religiões a um materialismo radical, mas quer antes afirmar que transcendência e imanência não se separam. O estudioso de religiões salvadorenho Manuel A. Vásquez (2011), especialista no estudo materialista das religiões na América Latina propõe:

[...] uma “fenomenologia materialista da religião” o que significa abrir para uma surpreendente gama de práticas de religiões vividas. Neste sentido, um materialismo não reducionista é o principal recurso que permite aos acadêmicos da religião destacar fenômenos que são salientes no dia-a-dia, fenômenos que exercem um poder palpável nas e através das vidas dos praticantes, mas que têm sido negligenciados pelas abordagens tradicionais de estudos em religião (Vásquez, 2011, p. 323, tradução nossa).<sup>5</sup>

Todas as religiões têm suas dimensões materiais, mesmo as que se pretendem mais abstratas, porém, no contexto religioso latino-americano, perde-se muito ao não levar em conta os aspectos materiais, como inseparáveis. “No contexto latino-americano orações incluem o corpo inteiro, emoções, objetos, lugares e outras pessoas. Eles não são

---

<sup>4</sup> *Religious Studies* e também *Study of Religions*, referem-se normalmente ao que compreendemos aqui no Brasil como Ciência da Religião e/ou teologia. Coloquei o nome em inglês para enfatizar que a maioria das teorias de Religião Material produzidas por este campo de conhecimento foram produzidas fora do Brasil. No Brasil, embora não se utilizando da terminologia Religião Material, a maioria dos estudos sobre materialidades religiosas tem sido produzida pela área de Antropologia, o que resulta em certa diferença de perspectiva, considerando as particularidades de cada área.

<sup>5</sup> a ‘materialist phenomenology of religion’ that is open to lived religions’ astonishing range of practices. In that sense, non-reductive materialism’s main ‘cash value’ is that allows scholars of religion to highlight phenomena that are salient in everyday life, phenomena that exercise palpable power on and through the lives of practitioners but that have been neglected by traditional religious studies approaches.

necessariamente prescritos por instituições religiosas ou percebidos como religioso pela sociedade secular” (Morello 2021, p. 121, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Embora o estudo das religiões e culturas a partir de suas materialidades esteja sendo cada vez mais utilizado, há diferentes formas de compreendê-las. A antropologia tem lidado com a cultura material há muito e, de fato, há trabalhos de grande valor que podem servir de referência no estudo materialista das religiões (Gonçalves et al., 2013; Menezes; Toniol, 2021). Entretanto, no momento da compreensão das religiões, antropologia e ciência da religião tomam rumos diferentes. No primeiro caso, a religião é um componente que auxilia a compreensão da cultura, enquanto a Ciência da Religião busca compreender religião num sentido amplo ou uma religião, podendo se utilizar de métodos comparativos em ambos os casos, sendo a cultura uma das variáveis do estudo. Desse modo, embora a Ciência da Religião possa e, se utilize de ferramentas da antropologia, bem como da sociologia, ou da história, atribui à Religião Material cores próprias. É também a Ciência da Religião, apesar de mais conservadora, a área com maior potencial para uma virada ontológica no sentido da materialidade. Se religiões organizam ontologicamente o mundo para seus fiéis – o lugar e o papel das entidades, dos humanos, dos animais – uma abertura para o estudo de religiões com outras organizações ontológicas, pode mudar categorias. Exemplo: a vaca no Brasil cristão é um animal destinado à alimentação, na Índia hinduísta, a vaca não só não é consumida, como não é percebida como alimento.

Outro ponto importante reside no fato de que parte da abordagem antropológica em relação à cultura material assenta-se sobre a ideia de patrimônio cultural, sendo este rigidamente dividido em material e imaterial. Esta divisão, artificial, mais atrapalha do que ajuda, e remonta a dilemas de uma epistemologia caracteristicamente eurocêntrica, na qual imanência e transcendência são percebidas como separadas. Olhando para o contexto brasileiro, festas populares como a Folia de Reis ou as Congadas que são consideradas patrimônios imateriais, pergunto: como poderiam existir sem os corpos, sem as roupas típicas, sem os instrumentos musicais etc.? Compreender a agência de todos estes materiais e como eles formam os sujeitos é o que de fato significa estudar uma religião a partir de sua materialidade.

Confirmando a ideia de alguns autores já supracitados, estas dicotomias parecem ser uma tendência epistemológica ocidental. Pode-se argumentar que essas dualidades, que

---

<sup>6</sup> In the Latin American religious context, these practices include the whole body, emotions, objects, places, and other persons. They are not necessarily prescribed by religious institutions or perceived as religious by the secular society.

perpetuam uma espécie de cisma, são nativas dos ocidentais. Elas constituem parte de um moderno e mais amplo construto, sua ontologia singular é comumente aceita em discursos acadêmicos (Castro, 2004). Por esta tendência em opor e hierarquizar – masculino superior ao feminino, espiritual sobre o material, o sagrado sobre o profano, o escrito sobre o oral etc. – é que, pelo menos na academia ocidental, precisamos falar em estudos materialistas. O estudioso de religiões chinês Xing Wang (2018), ao mencionar que na cultura chinesa objetos materiais, são considerados animados e até antropomórficos, afirma que os estudos materialistas são uma necessidade ocidental no sentido de resolver problemas que seu próprio pensamento dicotômico criou.

### **3 RELIGIÃO COMEÇA PELO CORPO**

À igreja não interessa as almas, mas os corpos.  
José Saramago

Emprestando de Simone de Beauvoir (2016) a ideia de que não se nasce mulher, mas aprende-se a sê-lo, poderíamos, por analogia, dizer que não se nasce budista, católico, candomblecista ou judeu, mas aprende-se a sê-lo. Trata-se de um aprendizado que se dá em primeira instância por meios materiais-e-corpóreos – vestuário, alimentação, arquitetura, imaginário, música etc. – e que apenas mais tarde na formação do sujeito ganhará explicação conceitual. Primeiro adquire-se o hábito para depois se acoplar um significado – o conceito de fruta não precedeu a experiência de comer a maçã, a banana, a laranja. Devemos nos lembrar que linguagens nasceram das e para fazer referência às experiências. A simples ideia de que o passado está *atrás* e que o futuro vem pela *frente* é possível a partir de um corpo que enxerga à sua frente e não mais vê os objetos que, em movimento, passaram para trás deste corpo. Isto já demonstra o quanto a experiência corpórea é determinante na formação das ideias (Lakoff; Johnson, 1999 Marino jr., 2018; Damásio, 1994). Com frequência encontra-se em religiões diversas a ideia de pureza – algo que não se mistura e, portanto, não se contamina, não se corrompe – assim como a ideia de luz, aquilo que concretamente nos permite enxergar as coisas e onde estamos, servindo de metáfora para conhecimento, verdade etc. *Deus é a luz, um anjo de luz, uma alma que se ilumina, atingir a iluminação.* Do mesmo modo, a ideia de peso, expressa dificuldade, sofrimento – *carregar um fardo, a cruz que alguém carrega, a alma pesada, não se deve carregar este peso no coração.* Tais metáforas vão se tornando tão naturalmente incorporadas que vamos nos esquecendo de onde vieram.

Assim, embora muitas religiões endossem a ideia, platônica, de que o corpo é o túmulo da alma, que por suas demandas atrapalha o desenvolvimento; social e antropológicamente falando, é através deste corpo que sujeitos religiosos específicos e distintos entre si são formados. Sem contar o fato de que, nem todas as religiões vêem o corpo como um obstáculo ao desenvolvimento espiritual, tal herança, devemos ressaltar, é bastante cristã. Em meus estudos tenho percebido que quanto mais as religiões têm foco na salvação e/ou libertação da alma, mas geram discursos e normas sobre os usos do corpo. Em *Corpo e sociedade* (1998), Peter Brown lança luz histórica sobre infundáveis discussões acerca do corpo na formação do cristianismo – comer ou jejuar, condutas sexuais, o lugar das mulheres – e outras convenções sobre como um cristão deve se conduzir nas questões mais cotidianas e concretas da existência ofuscadas pela doutrina. Outro exemplo impactante está nas chamadas *santas jejuadoras* (Weinberg; Cordás, 2006; Bynum, 1988), mulheres que obtiveram destaque e posição na igreja católica medieval devido às suas ascetes extremistas. Contam hagiógrafos que algumas viviam apenas da hóstia consagrada e água. A maioria delas morria aos trinta e poucos anos, esqueléticas, praticamente sem cabelos. Entre as santas jejuadoras encontram-se Santa Vilgefortis, Santa Magdalena de Pazzi e Santa Clara de Assis.

No Ocidente, os protestantismos mascaram ainda mais o papel e agência corporais, conseguindo produzir uma impressão de religiosidade quase imaterial – sem vestimenta ritual característica, sem ícones, sem transubstanciação. Originados entre protestantes europeus, os estudos comparados de religião, também foram influenciados por esta suposta imaterialidade generalizada. “A escarnação protestante combinada com o idealismo alemão e o subjetivismo fenomenológico dá origem a uma ciência da religião (*Religionswissenschaft*) somatofóbica cujo poder sedutor influencia ainda nos dias de hoje” (Vásquez, 2015, p. 32, tradução nossa)<sup>7</sup>. Entretanto, todos estes *sem* não são opcionais, mas proibições expressas sob a forma de ascese que acabam por gerar outras materialidades na direção da contenção do corpo, como a ideia de decência na vestimenta, especialmente a feminina. Há também uma forte tradição musical nestas igrejas – a audição, através da música e dos sermões e a visão, a partir da leitura também passou a ser privilegiada. O ocidente tornou-se especialmente visual, a visão tornou-se o sentido mais epistemologicamente confiável. Há várias expressões que confirmam a confiança na visão – “Ver para crer”; “visão de mundo”

---

<sup>7</sup> Protestant exarnation combined with German Idealism and Phenomenological subjectivism to give rise to a Religionswissenschaft somatophobic whose seductive power still holds sway today.

etc. Kant em sua *Crítica da razão pura* (1781), hierarquiza os sentidos colocando a visão no topo como o sentido mais nobre. As artes sacras, representações visuais ganharam maior importância. Vale notar que audição e visão são os sentidos que menos se relacionam com mundo o concreto, oferecem percepção sem contato – diferente do tato que toca a pele, do olfato que precisa de partículas do objeto entrando pelas narinas e do paladar, que obriga a introjeção de um objeto exterior pela boca – os objetos da audição e da visão podem ser percebidos de longe, criando um distanciamento. À sua maneira, cada religião, através de um conjunto de práticas e do uso de certos materiais vai modelando seus sujeitos a partir de como estimula ou inibe, de modos distintos, os sentidos. Pode-se chamar este efeito de *enculturação sensorial* (Carp, 1997) que imputa nos sujeitos conjunto de sensações desta ou daquela religião, que determina não só comportamentos religiosos, mas disposições, habilidades, gostos e aversões que se estendem para além do contexto explicitamente religioso, criando formas específicas de sentir o mundo. No caso de religiões hegemônicas, sua forma de enculturação sensorial chega mesmo a modelar os sujeitos que se declaram de outras religiões ou sem religião.

Dada a abrangência do cristianismo (especialmente as linhas protestantes) e da forma como ajudou a disseminar a visualidade, não por acaso, no estudo das materialidades, a linha de pesquisa mais desenvolvida é a de cultura visual. Exemplar, neste sentido é o trabalho de David Morgan, referência em *Religião Material*, sendo um dos fundadores do periódico mais expressivo da área, o *Material Religion Journal*, fundando em 2005, ele dedicou-se amplamente a buscar imagens religiosas em publicações protestantes, além de possuir um livro, *The sacred gaze. Religious Visual Culture in Theory and Practice* (2005), dedicado exclusivamente a questão do ver em diversas religiões.

Contraditoriamente, é este protestantismo de aparência quase imaterial que enfatizará em grande medida, práticas materialistas: o trabalho, o consumo e o capitalismo, conforme Weber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*:

Esse ascetismo protestante mundano agiu poderosamente contra a fruição espontânea das posses; restringiu o consumo especialmente de luxos. Por outro lado, tinha o efeito psicológico de liberar a aquisição de bens das inibições da ética tradicionalista. Ele rompeu as limitações do impulso à aquisição no sentido de que não apenas o tornou legítimo como também algo desejado por Deus [...] Eles aprovaram o uso racional e utilitário da riqueza que era desejada por Deus para as necessidades do indivíduo e da comunidade (Weber, 2013, p. 250).

Especialmente no Calvinismo, mas não somente, o sinal da graça de Deus manifesta-se nas posses de um sujeito. Estas características, encontradas supostamente num

protestantismo *imaterial* reforçam a ideia de que quanto mais se tenta estrangular a materialidade e a corporeidade, mais elas aparecem.

A influência cristã, ocidental, sobre o modo de lidar com a materialidade e a corporeidade atingiu outras partes do mundo via colonização e seu modo – sensorial – de ser tornou-se tão natural que é difícil perceber que percepção é algo culturalmente modelado e que, portanto, percepções diferem segundo locais e épocas. E, mais importante – tais percepções (sensoriais) levam fiéis a certas concepções.

Contudo, o privilégio da visão não é natural, nem universal. Outras culturas, bem como outras religiões podem privilegiar outros sentidos (ver Lebreton, 2016). Há muitas tradições religiosas que, primeiro, não compreendem o corpo de modo separado e, muito menos como obstáculo à espiritualidade, este é o caso das religiões de matriz africana, como também do hinduísmo e de outras. É comum que nestas religiões, formas alimentares e os sentidos do paladar e olfato tenham preponderância. Diferente das religiões que são mais visuais e permitem o trabalho a partir de fontes impressas, contando com fotografia/vídeo, o estudo de religiões que privilegiam outros sentidos, por vezes requerem trabalho de campo, a fim de que a/o pesquisador/a possa, utilizando-se dos mesmos sentidos que os devotos, experienciar uma religiosidade vivida. Para pesquisadoras/es que queiram se utilizar da Religião Material é um exercício conseguir identificar recursos rituais ligados a outros sentidos além da visão.

#### 4 ETNOGRAFIA INCIDENTAL

A pesquisa partir da religiosidade vivida comporta uma dificuldade velada – é preciso que o pesquisador ou pesquisadora esteja alerta e tenha uma percepção sagaz. Certas habilidades, para além de uma mente acadêmica bem treinada no raciocínio lógico, podem ser requeridas. Um pesquisador que tenha inclinação musical poderá captar sutilezas entre devotos que tenham sido musicalmente modelados pela religiosidade ou, ao contrário, que tenham introduzido inovações musicais numa dada religiosidade, de modo que para tais sujeitos tocar e orar possam ser ações indistintas. O mesmo pode ocorrer entre mulheres que apreciam cozinhar em sua relação com a comida de santo. É raro uma *iabassé* (responsável pela preparação de oferendas aos orixás) que não aplique os princípios e a dedicação requeridos pelo cargo religioso em sua cozinha doméstica, como o contrário, encontrar *iabassés* que já não viessem, de nascença, com a mão pronta para o ofício também

seria raro, elas não o escolhem, são escolhidas para o cargo. Aliás, o preparo e o consumo de alimentos nas religiões consistem numa das mais sutis e ao mesmo tempo mais profundas formas de religiosidade. Religiões têm gostos e cheiros diferentes. A diversidade nas formas alimentares religiosas pode ser gatilho de conflitos entre as diversas religiões.

Vi certa vez numa pesquisa apresentada num simpósio, mas que não chegou a ser publicada (Björkman, 2014), uma questão que parecia insolúvel – teriam prisioneiros muçulmanos (imigrantes) na Finlândia o direito de receber alimentação *halal* na prisão, poderiam eles ainda receber alimentação especial apenas à noite durante o Ramadã? – considerando que a Finlândia possui uma política geral de não discriminação e que a população islâmica vem aumentando no país. A alimentação é parte de uma gramática do corpo que constrói sentido no cotidiano – comer ou não comer certos alimentos, em que momento do dia, do calendário litúrgico, com quem, de que modo – de maneira sutil, mas profunda, é talvez a mais natural experiência religiosa vivida. Entretanto, o paladar tem sido o sentido menos associado a religião, possivelmente por ser o mais material de todos os sentidos. Michel Onfray, filósofo da imanência que explora a cozinha e o comer, critica:

Estética da boca, do nariz, da carne, metafísica do corpo e dos órgãos, da matéria e da imanência, a cozinha nunca se beneficiou do favor dos pedantes, que não a honra e lhe dá a vantagem de figurar entre as belas-artes. Vulgar porque trata dos sentidos menos intelectuais, demasiado vil por lembrar aos homens com muita insistência, que eles também são animais e que não se alimentam apenas de ideias e reflexões, a arte culinária não tem status de cidadã nas estéticas clássicas (Onfray, 1999, p. 123).

A culinária é menos cidadã nos estudos de religião, ainda que todas as religiões criem, de alguma forma, normas sobre o comer (Autora, 2015). Trago aqui a questão da alimentação com maior destaque por ser uma atividade muito elementar e cotidiana na vida de um ser humano, como possibilidade alternativa de estudo acerca a religião vivida, e que, justamente por ser tão presente, pode se fazer ausente.

Cabe então ao pesquisador ou pesquisadora, primeiro, ter consciência de suas próprias disposições perceptivas – quais atividades lhe são familiares e modelam seu interesse perceptivo, tendemos a perceber mais de acordo com os nossos sentidos que foram mais treinados, de acordo com os processos de socialização e educação (incluindo as formas sensoriais religiosas), embora uma parte de nossas disposições sejam também inatas. Ampliada e examinada, tal consciência favorece ao pesquisador detectar em si condicionamentos e aprendizagens que lhe limitam certas percepções, esta é a parte mais difícil – de perceber o que normalmente não percebe. Isso tem duplo sentido, com relação a

si, mas também de notar a ausência das coisas e/ou dos comportamentos, que em certos contextos seriam parte do cenário esperado. Pesquisas de campo, observação participante ou ainda *participação observante* (quando se é praticante de uma religião, mas adotando-se, ao mesmo tempo, uma perspectiva de pesquisador sobre a própria prática), permitem através da experiência vivida o desenvolvimento de percepções que favorecem o estudo materialista da religião. Depois de alguns anos de estudo e pesquisa em Religião Material, fui treinando minha percepção para poder enxergar, não o que procurava, mas o que se mostrava.

Dirigindo pela cidade de São Paulo, nos trajetos casa-trabalho-casa, passei a notar quantos veículos comunicavam religião através de adesivos automotivos, acabei reunindo um acervo de mais de 100 fotos, por vezes tiradas de dentro do carro com os veículos em movimento, às vezes prejudicando um pouco sua qualidade, mas ainda assim conseguindo preservar a informação principal. Seguem abaixo algumas amostras:

**Fig. 2. Veículos adesivados<sup>8</sup>**



**Fonte: acervo da autora.**

<sup>8</sup> À esquerda, foto de veículo em movimento com adesivo ocupando todo o vidro traseiro com a frase *Presente de Deus*, tirada em 07/11/2022. À direita um dos muitos caminhões circulando por São Paulo com pinturas da face de Cristo ocupando toda a porta traseira em 18/09/2022.

**Fig. 3. Placas com identificação Exu<sup>9</sup>**

Fonte: acervo da autora.

**Fig. 4. Veículos com adesivos<sup>10</sup>**

Fonte: acervo da autora.

As fotos da figura 2 têm motivos obviamente cristãos, comparando-as com outras fotos do acervo é perceptível que imagens cristãs em veículos, especialmente as de Cristo em si apresentam-se sempre em tamanho grande, a intenção de que sejam vistas por um grande número de pessoas é notória. Seria uma forma de proselitização por parte de quem opta por exibir tais imagens?

Em comparação com as cristãs, imagens ligadas às religiões de matriz africana, em termos de tamanho são infinitamente menores e mais discretas, acredito que alguns tenham optado pela placa em vez do adesivo conforme imagens da figura 3, curioso é ver um carro público com tal placa. Teria sido coincidência? Embora de acordo com a explicação êmica, somando-se o número da placa até reduzi-lo a um único algarismo, obtem-se 8, número de Exu. Se assim foi, houve intencionalidade, mas como conseguiram essa manifestação num carro público?

<sup>9</sup> À esquerda, foto de motocicleta com placa escrito EXU, em 06/02/2023. À direita, foto de veículo da polícia também com placa escrito EXU em 06/03/2023.

<sup>10</sup> Fotos de dois veículos com adesivos de Nossa Senhora e tridentes de Exu em 17/09/2023 e em 08/03/2023, respectivamente.

Inferindo sobre a motivação, é possível que o tamanho menor neste caso tenha uma outra intencionalidade, mais característica até da religião, materializar algum tipo de proteção contra acidentes, roubo etc. Na explicação êmica, Exu é frequentemente mencionado como guardião, protetor contra os inimigos, e regente dos caminhos.

A figura 4 apresenta um caso mais raro, mas ainda assim encontrado duas vezes, adesivos de tridentes fazendo menção a Exu exibidos juntamente com adesivos de Nossa Senhora, sugerindo uma dupla pertença ou uma religiosidade sem fronteira institucional. Seguem, entretanto o padrão mais discreto. Proselitização ou proteção à vida e ao patrimônio?

E quanto ao que não aparece, também deve haver uma explicação. Entre as mais de 100 fotos deste acervo, não havia carros com adesivos nem outros sinais de outras religiões – Achei curioso. O budismo principalmente, uma religião tão difundida que já adquiriu características de todas as culturas onde entrou – fato indicado pela proliferação de budas sentados e cabeças de buda, incluindo em lojas de decoração, das famosas como a Tok & Stok até o comércio popular da rua Vinte e Cinco de Março em São Paulo. Budas estão por toda cidade, mas não nos veículos.

Não realizei uma pesquisa formal, nem realizei entrevistas sobre a questão dos adesivos, ainda recolho material para ter uma amostragem maior e apurar os questionamentos. Até o momento sigo elaborando hipóteses. Para testá-las, posteriormente, poderia seguir entrevistando donos de veículos com adesivos e ir a lojas de artigos religiosos inquirir sobre o perfil dos compradores de adesivos. Este é um exemplo de um método que acabei chamando de *Etnografia incidental*. Trata-se de uma etnografia que acontece sem ter sido prevista, talvez tão espontânea quanto as religiosidades vividas da América Latina. Há muito de incidental na *religiosidade vivida* latino-americana, não é incomum que devotos encontrem sinais de seus santos e entidades espirituais materializados em incidentes, como por exemplo o encontro de um objeto que lhe faça sentido, num momento ou local inesperado, apontando um caminho, um sim ou um não a uma pergunta ou pedido.

Muitas de minhas pesquisas começaram assim, quando eu não estava em locais religiosos e nem em procurando nada, era apenas o cotidiano – o meu e o das pessoas – se mostrando carregado de religião vivida e de materialidades. Ao observar os padrões materiais, ia fazendo perguntas e a busca pelas respostas levou-me a várias pesquisas. Refinando o processo, concluo que este seja um método apropriado e coerente com a Religião Material, pois entrelaça a religiosidade vivida de modo espontâneo associada à

sensibilidade do pesquisador. Entretanto, este deve, por sua vez ter a prontidão e a disposição para que o cotidiano possa lhe oferecer indícios, evidências, que acabam sendo encontrados quando nada se procura.

São pesquisas que podem se desenvolver partir de um índice, em vez de uma hipótese ou de um olhar já previamente contaminado pela literatura – Observar, perguntar e depois procurar literatura de referência; não o contrário. O método também se mostra mais flexível e encorajador quanto à dedução de categorias apropriadas para cada situação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora sempre tenha havido intelectuais a pensar o mundo a partir de perspectivas materialistas, religiões, apesar de acontecerem no mundo concreto através de meios concretos, têm sido percebidas quase como sinônimo de transcendência. As abordagens agrupadas sob a chancela da Religião Material não vêm reduzir as diversas religiões e religiosidades à uma materialidade redutiva, mas sim demonstrar que todas as religiões, em qualquer tempo, possuem suas dimensões materiais e que estas são inseparáveis. Desse modo, a Religião Material constitui uma epistemologia específica que se concentra no estudo de aspectos concretos, com ênfase em inovações e práticas que surgem *de baixo para cima*, a partir do que fazem fiéis, espontaneamente. Demonstrando mais uma vez que religiosidades são vividas concreta e cotidianamente, sendo atravessadas por materialidades seculares e devolvendo a este mesmo mundo concreto materialidades que impactam esferas percebidas como seculares. Assim, pode-se pensar que as religiões afetam e são afetadas materialmente.

Também não se pode separar distintamente os aspectos materiais dos aspectos corpóreos, pois os aspectos materiais são percebidos pelos sentidos corpóreos, enquanto são os corpos que produzem as materialidades, num constante processo dialético. Além disso, as teorias em Religião Material advogam que os aspectos corpóreo-e-materiais afetam igualmente as culturas, sociedades e seus modos de pensar, desconstruindo a ideia de que somente o pensamento humano é fonte de criação.

Os saberes corporais, mais evidentes em tradições orais – uma vez que nas tradições com escrita as ideias ganham mais destaque do que as ações – costumam ser negligenciados enquanto fontes enquanto fontes de pesquisa. Primeiro porque, enquanto acadêmicos (especialmente na Ciência da religião), temos sido treinados conforme a herança filológico-epistemológica da área que faz com que não percebamos os aspectos corpóreo-e-materiais,

nem de nós mesmo, menos ainda das religiões ou que os tratemos como acessórios, meras expressões – desprezando a potência dessas aprendizagens corporais, via sentidos, na formação de sujeitos e de sujeitos religiosos.

A Religião Material não deve ser percebida como uma teoria que se pretenda superior às demais ou que deva ser utilizada de modo exclusivo. Ao contrário, ela pode vir ajudar a preencher lacunas quando combinada com outras teorias, revelando aspectos que em geral não se pode captar pelo texto ou discurso, mas que são essenciais.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Claudia. **Orixás no terreiro sagrado do samba: Exu & Ogum no candomblé da Vai-Vai**. Rio de Janeiro: Fundamentos de Axé, 2021.

AONTONACCI, Maria A. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: Educ, 2014.

ANTUNES, Jadir. **Marx e o Fetiche da mercadoria**. Jundiaí: Editora Paco, 2018.

SOUZA, Patricia. **A Religião vai à Mesa**. Uma degustação de religiões com suas práticas alimentares, São Paulo: Griot, 2015.

SOUZA, Patricia. **Religião Material. O estudo das religiões a partir da Cultura Material**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientação Frank Usarski, 2019.

SOUZA, Patricia. Pensar a religião através das coisas: materialidade religiosa e decolonização, Revista **REVER**, São Paulo, v. 22, n. 2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol22i2a16>

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2016.

BJÖRKMAN, Nina. Ramadan behind bars. *In: SYMPOSIUM RELIGION AND FOOD*. 24. 2014, Turku. **Anais** [...] Turku: Donner Institute/Abo Akademi University, 2014.

BONINE, Eduardo. **Embranquecimento do Candomblé?** São Paulo: Recriar, 2024.

BORGES, Rosangela. **Axé, madona Achiropita!** Presença da cultura afro-brasileira nas celebrações da Igreja Nossa Senhora Achiropita, em São Paulo. São Paulo: Pulsar, 2001.

BRÄUNLEIN, Peter. **Thinking religion through things**. Reflections on the Material Turn in the scientific study of religion/s. *Method and theory in the study of religion*. Países Baixos: Brill, 2015. Disponível em: [https://brill.com/view/journals/mtsr/28/4-5/article-p365\\_3.xml](https://brill.com/view/journals/mtsr/28/4-5/article-p365_3.xml). Acesso em: 12 dez. 2017.

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BYNUM, Caroline. **Holy Feast and Holy Fast: The Religious Significance of Food to Medieval Women**. California: University of California Press, 1988. 1. v.

- CARP, Richard. Perception and Material Culture: historical and cross-cultural perspectives. **Historical Reflections/Réflexions Historiques**, Nova Iorque, v. 23, n. 3, p. 269-300. Berghan Books, 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41299096>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- CASTRO, César. **Evolucionismo Cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Exchanging perspectives: the transformation of objects into subjects in Amerindian cosmologies. **Common Knowledge**, v. 10, n. 3, p. 463-484, 2004.
- DAMÁSIO, Antonio. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DELANDA, Manuel. The geology of morals: a neo-materialist interpretation. In: Future Non-stop. A Living Archive for Digital Culture in Theory and Practice, 1996.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FLUSSER, Vilém. **A escrita**. Há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.
- GONÇALVES, Reginaldo S.; GUIMARÃES, Roberta S.; BITAR, Nina P. (Org.) **A alma das coisas**. Patrimônios, materialidade e ressonância. Rio de Janeiro Mauad X, Faperj, 2013.
- HAZARD, Sonia. The Material Turn in the Study of Religion. **Religion and Society: Advances in Research**, v. 4, p. 58-78, 2013, Berghahn Books. Disponível em: <https://doi.org/10.3167/arrs.2013.040104>. Acesso em: 05 out. 2020.
- HENARE, Amiria; HOLBRAAD, Martin; WASTELL, Sari. (orgs.), **Thinking through things**: theorizing artifacts ethnographically. New York, London: Routledge, 2007.
- HOWES David. Charting the Sensorial Revolution. **The Senses and Society**, v. 1, n.1, p. 113-128, 2006. Disponível em: <https://doi-org.ez93.periodicos.capes.gov.br/10.2752/174589206778055673>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- KANT, Immanuel. [1781] **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Edipro, 2020.
- KOGAN, Andréa. **Espiritismo judaico**. São Paulo: Labrador, 2018.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.
- LAPLANTINE, François. **The life of senses**: an introduction to a modal anthropology. New York, London: Bloomsbury, 2015.
- LEBRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- LONGO, Ivan. Bancada Evangélica ataca Gaviões da Fiel por desfile corajoso contra intolerância religiosa. **Revista Fórum**, Porto Alegre, 23 fev. 2023. Cultura. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/cultura/2023/2/23/bancada-evangelica-ataca-gavies-da-fiel-por-desfile-corajoso-contraintolerancia-religiosa-131839.html>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- MARINO JR., Raul. **O cérebro japonês**. A importância da língua japonesa. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 2018.

- MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Religião e materialidades**. Novos horizontes empíricos e desafios teóricos. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2021.
- MOHAN, Urmila; WARNIER, Jean-Pierre. Marching the devotional subject: the bodily-and-material cultures of religion. **Journal of Material Culture**, v. 22, n. 4, p. 369–384, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/toc/mcua/22/4>. Acesso em: 03 maio 2020.
- MORELLO, Gustavo. **Lived religion in Latin America: an enchanted modernity**. Oxford: Oxford University Press, 2021.
- MORGAN, David. **The sacred gaze**. Religious Visual Culture in Theory and Practice. Berkeley, Los Angeles, London: California University Press, 2005.
- ONFRAY, Michel. **Razão gulosa: filosofia do gosto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. A tecnologização da palavra. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- PAIVA, Deslange. Hospital particular de SP se recusa a colocar DIU em paciente por seguir 'diretrizes católicas'; instituição pode negar? Entenda. **Portal G1**, Rio de Janeiro, 24 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/01/24/hospital-particular-de-sp-se-recusa-a-colocar-diu-em-paciente-por-seguir-diretrizes-catolicas-instituicao-pode-negar-entenda.ghhtml>. Acesso em: 01 maio 2024.
- PRANDI, Reginaldo (org.). Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- PYYSIÄINEN, Ilkka. "Introduction: Cognition and Culture in the Construction of Religion." In *Current Approaches in the Cognitive Science of Religion*. Edited by Ilkka Pyysiäinen and Veikko Anttonen, 1-13. London: Continuum.
- SANTOS, Bartolomeu dos. **Zeladores de encantos: memórias do tronco velho Pankararu**. Rio de Janeiro: E-papers, 2021.
- SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- STOLLER, Paul. **Sensuous scholarship**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997.
- TOPEL, Marta F. **O Sagrado e o impuro no judaísmo: lei, comida e identidade**. Rio de Janeiro: Telha, 2022.
- VÁSQUEZ, Manuel. **More than belief: a materialist theory of religion**. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- VIETTA, Silvio. **Racionalidade**. uma história universal. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- WANG, Xing. Rethinking Material Religion in the east: orientalism and Religious Material Culture in Contemporary Western Academia. **Religions**, v. 9, n. 62, 2018, p. 1-12. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/9/2/62>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- WEBER, Max. **Ética protestante e o espírito doc**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

WEINBERG, Cybelle; CORDÁS, Táki. **Do altar às passarelas**: da anorexia santa à anorexia nervosa. São Paulo: Annablume, 2006.

**Conflito de interesses:** *A autora declara não haver conflito de interesses.*

**Recebido em:** 30-05-2024

**Aprovado em:** 14-03-2025

**Editor de seção:** Flávio Senra